

Davidson Sepini Gonçalves

Professor Doutor – PUC Minas
Campus Poços de Caldas/MG

Juliana Diogo Silva

Graduanda de Medicina – PUC Minas
Campus Poços de Caldas/MG

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo entender, a partir da obra de Freud *O Mal-estar na Civilização*, em que medida as pulsões internas e as influências sociopatológicas impelem o ser humano à destruição do meio ambiente e até que ponto a sublimação dessas metas instituídas podem reverter ou minimizar tais atitudes. Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica, em que foi utilizado o método psicanalítico, consagrado como um método de interpretação: da histeria, das neuroses, dos sintomas, dos sonhos, ou seja, de tudo o que é produzido pelo próprio sujeito de desejo em seu processo de humanização. Como resultado das discussões observou-se que diante da impossibilidade de controle das pulsões e do crescente movimento hiperconsumista que assola a sociedade contemporânea, o desafio da educação é apresentar ao sujeito de desejo alternativas em todos os campos em que, direta ou indiretamente, o sujeito se depara com a necessidade de uma intervenção no ambiente em que vive e que o sustenta. Ressalta-se, portanto, que os processos sociopatológicos precisam ser denunciados e desestimulados, apresentando-se aos sujeitos novas modalidades de libido. Considera-se finalmente que o exercício da educação é a melhor maneira de repressão instintual, visando deslocar o sentimento de satisfação que seria obtido na agressividade para outras atividades igualmente ou mais prazerosas.

Palavras-chave: meio ambiente; pulsão de morte; mal-estar na civilização.

INTRODUÇÃO

Doravante o significado da evolução da civilização cessa, a meu ver, de ser obscuro. Ela deve mostrar-nos a luta entre Eros e a morte, entre o instinto de vida e o de destruição, tal qual se desenrola na espécie humana. Esta luta é, em suma, o conteúdo essencial da vida. (FREUD, 1930/2010, p. 58).

Freud publicou em 1930 sua obra seminal: *O mal-estar na civilização*. Nessa obra, Freud demonstra que existe um preço a ser pago para que o ser humano possa viver no mundo civilizado. Esse preço refere-se a uma predisposição inata para a realização de certas ações, predominantemente ligadas à sexualidade e à agressividade humanas, ou nos dizeres do próprio Freud (1930/2010), para a realização de impulsos instituídos.

Tais impulsos vão de encontro às regras impostas pela civilização, tanto no que diz respeito aos cuidados de si mesmo, do outro e do mundo de uma maneira geral, sendo esse último pensado aqui como o ambiente onde se circunscrevem as relações interpessoais.

Nesse sentido, do ponto de vista psicanalítico freudiano e tendo como referência a obra supracitada, existe uma grande propensão no ser humano para a destruição ambiental, mesmo diante de uma legislação que o advirte e até eventualmente o puna e mais ainda, mesmo diante de uma disseminada conscientização, principalmente a partir do século passado.

Para além do caráter pulsional dos desejos inconscientes, há que se pensar também nas manifestações dessas pulsões em moldes sociais, o que traz à tona o conceito de sociopatologia. Em Freud (1893/2016) parece haver uma relação de reciprocidade entre a realidade interna e a realidade externa na construção do inconsciente, ocorrendo o abastecimento da realidade interna pela externa e vice-versa.

Cercados então pelas pulsões internas e pelas imposições sociais que potencializam as sociopatologias cotidianas, estaria o ser humano predestinado a destruir e conseqüentemente inviabilizar sua vida no ambiente que lhe foi legado? Seria apenas uma questão de tempo para que o ser humano seja varrido do planeta? Nas palavras de Freud (1930/2010, p. 24), “a sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda” para que isso possa não acontecer. Sua função é operar uma mudança de meta e de objeto, uma vez que a imensa gama de valores sociais também apresenta possibilidades de construção e preservação e não só de destruição.

É certo que existe a pulsão de morte que vai ao encontro de valores sociais destrutivos, mas também é visível que a pulsão de vida encontra respaldo na cultura, na arte e nos sentimentos mais nobres que o ser humano é capaz de produzir.

Assim, objetiva-se com esse trabalho entender, a partir da obra de Freud *O Mal-estar na Civilização* (1930), em que medida as pulsões internas e as influências sociopatológicas impelem o ser humano à destruição do meio ambiente e até que ponto a sublimação dessas metas instituídas podem reverter ou minimizar tais atitudes, estabelecendo assim uma relação edificante entre o ser humano e o seu ambiente de vida.

METODOLOGIA

Os recursos metodológicos utilizados seguem o fio condutor para a concepção de pesquisa qualitativa na área das humanidades que, no presente trabalho, remeteram aos métodos qualitativos e compreensivos, abarcados pelo paradigma fenomenológico. Trata-se, portanto, de pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica, para a reunião de dados, informações e reflexões que servirão de base para o desenvolvimento de processos investigativos mais avançados.

É sabido que pesquisas qualitativas visam compreender a experiência humana em seu processo de construção de significados e segundo Chauí (2000, p. 202),

[...] Com a fenomenologia de Husserl e com a corrente do pensamento conhecida como estruturalismo, considera-se que cada campo do conhecimento deva ter seu método próprio, determinado pela natureza do objeto, pela forma como o sujeito do conhecimento pode aproximar-se desse objeto e pelo conceito de verdade que cada esfera do conhecimento define para si própria [...] as ciências humanas têm métodos de compreensão e de interpretação do sentido das ações, das práticas, dos comportamentos, das instituições sociais e políticas, dos sentimentos, dos desejos, das transformações históricas, pois o homem, objeto dessas ciências, é um ser histórico-cultural que produz as instituições e o sentido delas. Tal sentido é o que precisa ser conhecido (CHAUÍ, 2000, p.202).

Nessa linha de busca de sentido e considerando a obra *O mal-estar na civilização* de Sigmund Freud (1930) e as variáveis dos discursos que transpassam a relação do ser humano com o meio ambiente, foi realizado o presente trabalho.

Foi utilizado o método psicanalítico, consagrado como um método de interpretação: da histeria, das neuroses, dos sintomas, dos sonhos, ou seja, de tudo o que é produzido pelo próprio sujeito, mostrando-se, portanto, adequado para o presente trabalho.

O método psicanalítico de pesquisa, considerado um método clínico, aqui está colocado como possibilidade de compreensão mais aprofundada, interpretativa para além das aparências, entendendo a interpretação como

possibilidade de praticar “a arte de extrair do minério bruto das associações inintencionais, o metal puro dos pensamentos recalçados.” (FREUD, 1903/1966, p.238).

Mas faz-se necessário entender a especificidade do método e sua aplicabilidade no presente trabalho. As palavras de Turato, (2003, p. 238) são esclarecedoras.

Não se tratando exatamente de uma investigação psicanalítica no sentido estrito desta concepção, a investigação clínico-qualitativa dos fenômenos das áreas da saúde (ou da área da psicologia da saúde com seus estudos clínicos-qualitativos, ou ainda, da tradicional psicologia médica) vai emprestar e apropriar-se de conceitos da psicanálise para serem usados como uma ferramenta [...]

Nesse sentido, a psicanálise se faz presente na pesquisa como viés de análise e como método, o que reforça a ideia da busca de sentido para os desejos humanos mais profundos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pois para que serve a cultura? Para que o indivíduo possa canalizar seus impulsos para algo construtivo, que vá além dele, e no qual esses impulsos encontrem uma satisfação no sentido do bem comum, e não apenas de seu bem individual (MEZAN, 2002, p. 342).

Embora Freud não tenha escrito um artigo específico sobre a sublimação, o conceito perpassa vários textos sobre os mais variados temas. Nesse sentido, o conceito tem sido utilizado de maneira diversa e até mesmo, em alguns casos, reducionista. Optou-se no presente trabalho por um entendimento do conceito de sublimação relacionando-o com outros conceitos fundamentais da psicanálise como o recalque; as pulsões – de vida e de morte – a partir da ideia de destino das pulsões; narcisismo e libido. Assim foi possível pensar a sublimação como caminho alternativo à sociopatologia.

No que diz respeito ao recalque, há que se pensar a sublimação como uma espécie de libertação através do reconhecimento do próprio desejo. Enquanto o recalçado prende, por não saber da validade do desejo, a sublimado liberta, por, não só saber do desejo, mas principalmente saber da sua impossibilidade e da sua natureza tensional. (FREUD, 1914/2004).

O recalque, portanto, prende-se no sintoma, seu substituto, uma vez que a pulsão não renuncia da realização e também não encontra alternativas pulsionais mais elaboradas e condizentes com o processo civilizatório. Daí a necessidade da distinção entre recalque e sublimação no contexto aqui tratado uma vez que o primeiro tem como resultado um ataque a si mesmo para evitar o ataque à natureza enquanto a segunda tem como resultado a

satisfação pulsional através de alvos e objetos não destrutivos, satisfazendo-se e ao mesmo tempo defendendo-se do sintoma. (FREUD, 1915/2007). Satisfação essa que se dá a partir da manutenção da libido sem o ingrediente da violência, mas com o ingrediente narcísico que possibilite a criação ao invés da destruição.

Essa busca pelo prazer que tem uma origem sexual e que se desdobra na sublimação da violência e da destruição, eleva o sujeito à condição de sujeito desejante de prazer, responsável pelo destino da sua pulsão. Como resultado, tem-se o destino pulsional sublimado, satisfeito pulsionalmente, mas de forma diversa daquela existente no recalque. Assim, o sexual não se exclui da sublimação e a libido é redirecionada para novos objetos socialmente aceitos e até valorizados.

O ingrediente narcísico diz respeito à retira de energia do objeto a ser destruído – no caso aqui analisado, a natureza – e a colocação dessa energia no eu narcísico como maneira de efetivar a libido potencializada, para em outro momento, redirecionar essa energia, agora sublimada e prenhe de um novo prazer, para um *alter ego*, expressão da libido num contexto socialmente aceito. Fica clara aqui a intermediação da sublimação na passagem da pulsão de morte para a pulsão de vida.

Na dicotomia criar/destruir, e levando-se em conta o caráter libidinal da destruição, a sublimação adquire significados múltiplos voltados para toda e qualquer atividade criativa, estejam elas relacionadas diretamente à criação artística, estejam elas relacionadas direta ou indiretamente às maneiras criativas de exercer qualquer tipo de atividade laboral no âmbito profissional e ou até mesmo nas atividades domésticas e de lazer, instaurando-se uma nova economia libidinal.

Interromper os processos destrutivos em relação à natureza requer, portanto, um empenho nos processos criativos e na descoberta do prazer de si e do outro – entendido aqui como a natureza planetária – que assim como o sujeito, pulsa para vida na dimensão mais profunda e reage a todas as ameaças destrutivas.

Observa-se a partir de tal análise, o caráter ético da sublimação. Não é por acaso que no *Seminário 7: A ética da psicanálise*, Lacan (1959-60/1997) revisita o conceito freudiano de sublimação, tentando resgatar sua genuinidade, sua importância no processo civilizatório tão elaborado por Freud e por que não dizer, seu sentido ético até mesmo no contexto da clínica psicanalítica.

Ora, toda a discussão sobre preservação ambiental, produção e consumo não seria, antes de tudo uma discussão ética? Existe um vazio, um furo diria Lacan, e a necessidade de tamponar esse vazio, esse furo através da destruição do planeta transformando todos os seus elementos através da produção em elementos de consumo tira a dignidade ética da relação humana com o sistema que o abarca. A sublimação seria a signatária da dignidade por estabelecer uma ética que não se ocupa de tamponar, mas de sustentar o vazio, permitindo que o *real* ganhe forma no ato criativo.

Sublimar para não olhar com olhar destrutivo e ganancioso que não aceita a parcialidade do desfrute de qualquer sistema. Sublimar para identificar a falta como princípio da realidade em contraponto ao princípio do prazer. Quase um ato de liberdade, de elaboração do desejo em seu sentido mais profundo, o que o liga ao laço social. O Ambiente é para o desfrute de todos em todos os tempos e está sob a responsabilidade humana, único ser capaz de se satisfazer mudando seu alvo e objeto, o que significa dizer que é possível trocar processos destrutivos por criativos sem perder a qualidade da economia libidinal.

Tal expediente coloca em questão a exclusividade libidinal da pulsão de morte e até mesmo sua força diante da liberdade humana na determinação de seus próprios prazeres e por que não dizer, do próprio gozo. Assim, ao invés de *gozar da* destruição ambiental, *goza-se* o ambiente, sublimado, mistificado, parcialmente disponível e dialeticamente marcado pela presença cotidiana de *eros e tânatos*. Lembrando-se que o processo, seja ele erótico ou tanatológico pertence ao ambiente e não ao sujeito. Cabe ao sujeito o exercício de manter o desejo através do distanciamento, num movimento de admiração e encantamento pelo espaço vazio, pela falta, pelo furo, que estimulam a criação. Estabelece-se assim a relação entre sublimação, ética e criação como chave de entendimento para princípio da realidade.

Freud traz em sua obra *O mal-estar na civilização*, a existência de três principais motivos para a infelicidade humana que seriam: a própria constituição do corpo, fadado à finitude e adoecimento; a submissão do homem à natureza, à qual não tem pleno controle; e a inadequação das regras sociais com os verdadeiros desejos humanos (FREUD, 1930/2010).

Diante desses pontos, é possível pensar na maneira com a qual o homem constituiu seu modo de agir com a natureza. É plausível pensar que diante da falta de controle humano sobre a natureza, ele pode ter cultivado um sentimento reprimido por ela, sendo uma espécie de tendência inconsciente para destruí-la, uma vez que os seres humanos já tiveram que lidar com muito sofrimento e angústia pela sua minoridade diante da natureza. Também é possível questionar que, se o corpo está fadado à finitude e o ser humano é narcísico por natureza, por que ele pensaria em conservar o ambiente para as próximas gerações?

Além disso, nessa obra, Freud ainda descreve alguns dos caminhos que o ser humano pode usar para vencer o sofrimento e enfrentar esses motivos que o causam. Dentre eles, está o uso da ciência para dominar a natureza, resolvendo então o problema de submissão. Nesse sentido, os esforços despendidos para esse fim, muitas vezes, vão passar por cima de noções de preservação, em prol da minimização de uma das grandes angústias constituintes do ser humano.

Outra técnica de afastar o sofrimento é o deslocamento de libido, colocando as metas do prazer em outras vivências, como no trabalho intelectual. Esse processo vai, portanto, buscar o afastamento da dependência do mundo exterior para se satisfazer, buscando essa satisfação no próprio indivíduo. Essa técnica então une o prazer pela realização

científica, ao exercitar o intelecto, e a suscetibilidade ao individualismo, ao afastar o homem da experiência de prazer fora dele. No contexto ambiental, essa combinação é perfeita para ser gênese de atitudes que visam a destruição do ambiente em nome da ciência, sem pensar nos outros seres que habitarão a Terra no futuro.

A realidade, porém, pode não ser tão severa, uma vez que também é possível que o ser desenvolva uma filosofia de vida que coloque o amor como caminho para o afastamento da infelicidade.

Nos dizeres de Nogueira (2003, p. 57), a partir da leitura de Freud: “só lhe resta um caminho para tentar a realização da felicidade no modo permitido ao existente humano: fazer do amor o eixo central da vida.”

Dessa maneira, também ele age deslocando a libido, mas sem se focar no mundo interior e se desprender do mundo exterior, pelo contrário, o alívio do sofrimento seria garantido justamente por entes fora do próprio indivíduo. Paralelamente às relações interpessoais, essa maneira de se relacionar com o outro é válida também para o todo que compõe o meio externo, inclusive a natureza e o meio ambiente, cultivando então uma relação de amor e cuidado.

A civilização é criada para proteger o homem da natureza e para regulamentar os vínculos sociais, sendo então o conjunto de realizações e instituições que foram criadas pelo homem para esses fins e, conseqüentemente, tem como resultado o afastamento do modelo de vida primitivo de nossos ancestrais. Dentro desse contexto, observa-se que o ser humano modificou drasticamente os hábitos e valores prévios, substituindo-os por construções culturais. Elas, por sua vez, visam servir unicamente ao ser humano. Para realizar esse objetivo, colocamos a natureza à disposição da sociedade para criar coisas úteis para o ser humano, ou seja, usamos como fim a satisfação do ser humano e como meio tudo para atingi-lo, inclusive a destruição do meio ambiente, principalmente atrelada ao desenvolvimento científico.

A nova dimensão cultural da vida, considera, desse modo, atitudes e ideias que visam a destruição da Terra pelo homem como civilizadas, bem como a preocupação com coisas inúteis e antes desnecessárias. Esse novo ideal é responsável, por exemplo, pela construção do consumismo, criando necessidades completamente inúteis ao ser humano, mas que, por ora, soam como muito úteis. A consequência dessa maneira de funcionamento gera, entre muitas outras coisas, uma produção enorme de lixo com o pretexto de subsidiar falsas necessidades.

Existe uma premissa antiga que está presente na civilização há muito tempo que é: ama o próximo como a ti mesmo e, ao contrário do que se parece ela não representa altruísmo e sim narcisismo e é por esse motivo que ela não é exequível na realidade. Isso porque o ser humano só consegue amar algo que, de alguma forma, traz um sentimento melhor para consigo. Ou seja, ele ama uma pessoa muito parecida com ele porque, ao amá-la admira a ele mesmo, ou ama o filho de um amigo, pois se acontecer algo com ele, o amigo que ama sofrerá e, por consequência, ele também sofrerá.

Nas palavras de Freud (1930/2010, p. 247)

A psicanálise não precisa se envergonhar quando fala de amor, pois a religião também diz: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Sem dúvida, é uma coisa mais fácil de se pedir do que se realizar. O outro tipo de ligação emocional é o que se dá pela identificação. Tudo que estabelece importantes coisas em comum entre as pessoas produz esses sentimentos comuns, essas identificações. Nelas se baseia, em boa parte, o edifício da sociedade humana (FREUD, 1930/2010, p.247).

O desconhecido, portanto, não é digno de amor. Nesse sentido, por mais que as pessoas tentem afirmar que o ser humano é cheio de amor e incapaz de fazer o mal, a afirmação nunca será verdadeira, pois somos capazes de amar um grupo restrito de pessoas, desde que ainda sobre outras disponíveis para o exercício da agressividade.

O próximo, portanto, pode ser desde um ajudante até um objeto sexual ou objeto para satisfação da agressividade. Lembrando que por “próximo”, entende-se tudo que está fora do ser humano, incluindo o meio ambiente que também pode ser alvo dessa agressividade.

Essa tendência original e autônoma à agressão é chamada por Freud de pulsão de morte, ou instinto de morte, sendo um instinto de destruição que faz com que o ser humano destrua coisas animadas, inanimadas ou ele mesmo. Essa demolição, dirigida ao objeto, satisfaz as necessidades vitais do ser e aumenta seu domínio sobre a natureza.

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que deveria haver, além do instinto para conservar a substância vivente e juntá-la em unidades cada vez maiores, um outro, a ele contrário, que busca dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico. Ou seja, ao lado de Eros, um instinto de morte. Os fenômenos da vida se esclareceriam pela atuação conjunta ou antagônica dos dois (FREUD, 1930/2010, p. 55).

Esse instinto agressivo, entretanto, não pode ser expresso dentro da civilização, até mesmo porque, por definição essa maneira de estruturação social é pautada na renúncia dos instintos. Ou seja, a cultura é uma maneira de inibição da pulsão de morte.

A maneira como esse instinto consegue ser reprimido é através da sua introjeção para dentro do próprio *Eu*, criando então o *Super-eu* que é um componente da estrutura psíquica que age como uma espécie de consciência que deposita sobre o *Eu* toda a agressividade que recebeu.

O rigor da consciência (*Super-eu*) de cada indivíduo é construído tanto por ele mesmo, ao introjetar sua agressividade, quanto pela severidade

da educação que foi dada a ele. Para a consciência relativa à preservação ambiental não é diferente, um sujeito que cresce incorporando agressividade das pessoas com o ambiente, certamente terá menor criticidade a atitudes que desrespeitem a natureza e, portanto, estará mais suscetível a adotá-las.

Em suma, o instinto agressivo tende a ser reprimido dentro da vida em sociedade para formar o *Super-eu* que funciona como filtro de nossas ações, porém esse filtro tem que funcionar de acordo com as noções culturais de “bem” e “mal”.

Na contemporaneidade, a dinâmica de funcionamento indica, indiretamente, que poluir o meio ambiente não está dentro da definição de “mal”, pois o modo de vida, principalmente da sociedade capitalista, é pautado basicamente pela produção de lixo, liberação de gases tóxicos pelos carros, indústrias e agropecuária, além da destruição de todo ambiente natural para se estabelecer uma maneira de servir ao ser humano. Então, além do *Super-eu* não filtrar essas atitudes como más, inconscientemente, o ser humano as legitima.

Dentro desse contexto, o psicanalista Renato Mezan (2002) pensa a sociopatologia como atos agressivos estimulados pela própria sociedade, por considerá-los naturais. Esse tipo de doença social seria, portanto, uma expressão explícita da pulsão de morte, legitimada por regras sociais que a consideram aceitáveis.

Essa definição pode, portanto, ser facilmente aplicada na relação social com o meio ambiente, a qual é claramente ancorada em destruição por parte da humanidade. Assim, a pulsão de morte, além de ser induzida pela própria cultura é considerada normal, caracterizando uma sociopatologia.

Paradoxalmente pode-se pensar a civilização ou a cultura como possibilidade de sublimação. Mezan (2020, p. 346) esclarece:

[...] Se pensarmos que a civilização ou a cultura resulta também da *sublimação* das pulsões, temos a seguinte e paradoxal situação: as pulsões são ao mesmo tempo bases da civilização, porque sublimadas resultam nas instituições sociais e nas obras da imaginação; e elas são a base da *hostilidade contra a civilização*, já que a sua coerção se encontra no fundamento de todas as instituições coletivas. (grifos do autor)

Nesse sentido, a aposta na *sublimação* como solução para os interesses humanos em relação ao meio ambiente e à natureza, faz-se necessária. Nos dizeres de Freud (2010/1930, p. 39): “a sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada.”

Mas como apostar na *sublimação* sem apostar também na educação? Em outras palavras, será que a educação ambiental tem se dado conta da necessidade da investigação das particularidades humanas que as levam, ao mesmo tempo, a amar e destruir o meio ambiente?

Farias e Knechtel (2018, p. 327) colocam a questão de maneira intrigante:

A psicanálise, nesse sentido, pode nos dizer que, talvez, até o momento, a Educação Ambiental não tenha tematizado, de forma suficientemente clara, a dimensão pulsional do ser humano na sua relação com o meio ambiente. Ainda que consideremos um sujeito do inconsciente constituído pelas leis da cultura/civilização, existe algo atuante em si que não se harmoniza, tornando-se permanente o desassossego, algo que encontra no registro das pulsões. Ou ainda, a cada movimento que a civilização faz no sentido do seu aprimoramento, traz consigo aquilo que é da ordem do primitivo, ou seja, um resto pulsional (KNECHTEL, 2018, p.327).

Tendo consciência que a sublimação pode ser um dos destinos possíveis das pulsões, a questão que se coloca é: em que sentido a educação pode promover a sublimação?

Levando-se em conta a impossibilidade de controle das pulsões e do crescente movimento hiper consumista que assola a sociedade contemporânea, o desafio da educação é apresentar ao sujeito de desejo alternativas no campo da cultura, das artes, da ciência, dos esportes, da gastronomia, da habitação, ou seja, em todos os campos em que, direta ou indiretamente, o sujeito se depara com a necessidade de uma intervenção no ambiente que vive e que o sustenta.

Se a pulsão originária leva à destruição, e a pulsão se apresenta como uma instância conservadora e repetidora (FREUD, 1930/2010), trocá-la por um prazer real construtivo e edificante só é possível se a oferta libidinal for mais atraente, ou seja, se essa outra maneira de se relacionar com o meio ambiente for mais prazerosa. Assim, os processos sociopatológicos precisam ser denunciados e desestimulados, não como muitas vezes é feito, a partir de ameaças e punições, mas com a apresentação de uma nova modalidade de libido, mais potente, mais envolvente e mais interessante.

CONCLUSÃO

Freud, portanto, em sua obra *O Mal-estar na Civilização* discorre sobre conceitos básicos da constituição primordial humana dentro da teoria psicanalítica freudiana, apresentando concomitantemente a isso, como esses conceitos se desenrolam dentro de uma construção social e cultural.

Nesse sentido, para Freud, a intersecção do homem com a natureza se dá justamente no desenvolvimento de um dos três pilares da infelicidade humana: a submissão do homem à natureza. Vê-se assim, que a relação entre as partes, desenrola uma problemática, de certa forma, existencial. Posto isso, muitas vezes, os esforços desprendidos pelo homem a fim de

dominar a natureza e que acabam por promover a degradação ambiental, tem a finalidade de justamente minimizar uma das grandes angústias da existência humana.

Juntamente a esta faceta, inclui-se na constituição humana o conceito de pulsão de morte, a qual desloca o ser no sentido da destruição, seja ela de seres vivos, não vivos, ou de si próprio, incluindo o meio ambiente. Ações estas que levariam o ser humano ao desenvolvimento de prazer e satisfação, além de alimentar sua força vital.

Ao se relacionar, portanto, a submissão do homem à natureza como um dos problemas existenciais da raça humana, o narcisismo intrínseco humano, a certeza de finitude individual e a existência inevitável da pulsão de morte, levanta-se a dúvida do porquê o ser humano estaria disposto a preservar o meio ambiente para seus descendentes e se isso realmente seria possível.

A resposta da questão está ancorada principalmente na ideia de vida em sociedade e civilização. Isso porque a construção social inclui, inevitavelmente a renúncia dos instintos primitivos e destrutivos ou pelo menos de parte deles, instaurando para esse fim regras, leis e instituições que forçam o ser humano a sublimar sua pulsão de morte, em prol de um bem maior coletivo. Em outras palavras, a cultura é um meio de inibir o instinto humano à agressividade e destruição.

Nesse contexto, são dois os meios pelos quais o homem consegue sublimar esse instinto destrutivo: a construção do Super-eu e o deslocamento de libido.

No que se refere ao Super-eu, esse termo é utilizado para designar um componente da estrutura psíquica humana que tem como atribuição funcionar como uma espécie de filtro dos pensamentos e atitudes humanas, depositando sobre estes, um senso crítico. A formação dessa instância psíquica se dá pela introjeção do instinto destrutivo, juntamente com a inteiração do indivíduo com o meio externo, de modo que, quanto mais severas forem a educação e as regras impostas ao indivíduo, mais rigoroso será seu Super-eu. Nesse sentido, entende-se, por conseguinte, que crianças educadas desde cedo a respeitarem o meio ambiente, terão maior senso crítico dentro desta perspectiva.

Já se referindo ao deslocamento de libido, trata-se de um artifício utilizado pelo homem que o permite substituir o prazer proveniente da pulsão de morte por outros igualmente, ou até mais prazerosos, como o trabalho científico, o desenvolvimento do intelecto ou o próprio amor. Dessa maneira, dispensa-se a necessidade da agressividade como meio de alimentar a força vital humana que passa a ser suprida por atitudes muito mais construtivas, afastando o homem inclusive da destruição ambiental.

Entretanto, a tendência do homem ao desrespeito com o meio ambiente não vem apenas de impulsos internos. Grande parte do direcionamento humano a isso também depende de toda uma construção social que favorece esse tipo de mentalidade e atitudes. Renato Mezan, nesse sentido, introduz o termo da sociopatologia como a estimulação e

legitimação de atos agressivos e destrutivos pela própria dinâmica e organização social, sendo que, para o próprio Freud, existem indícios de que o mundo inconsciente interno e o mundo externo estão em constante relação, sendo ambos influenciados um pelo outro, demonstrando, assim, forte dependência e, portanto, necessidade de análise dos dois fatores em conjunto para uma compreensão integral.

No contexto da relação social com a natureza, temos a edificação da contemporaneidade a partir do capitalismo, o qual, direta ou indiretamente, induz o hiperconsumo, com conseqüente hiperprodução de lixo e de gases estufa, fato este que é introjeta e legitima inconscientemente nos indivíduos a pulsão de morte, naturalizando então, a destruição ambiental na própria concepção do sistema econômico vigente.

Diante de todo esse cenário, faz-se necessário, o exercício da educação ambiental como forma de repressão instintual e fortalecimento do Super-eu, contribuindo para que a sociedade supere a sociopatologia que encara, além de que os seres humanos, em sua individualidade também possam desenvolver seu senso crítico. Concomitantemente a isso, é essencial que a organização social e pessoal preze por atividades que garantam ao ser humano o deslocamento do prazer na agressividade para o prazer em atitudes mais construtivas e coletivas. Somados todos os pontos, o ser humano e a sociedade poderiam assim vencer a sociopatologia e a pulsão de morte que induzem o desrespeito e destruição ambiental.

Por fim, conclui-se que a superação do problema ambiental passa por questões complexas e delicadas da própria construção humana, como mostra Freud e o psicanalista Renato Mezan em suas obras e, justamente pelo motivo de passar por questões existenciais e constitucionais da psique humana, sua resolução passa por grandes e difíceis mobilizações individuais e sociais, porém que são possíveis através da visualização clara da complexidade da apresentação do problema para o desenho e planejamento de esforços a altura de resolvê-los.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. 2000. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática.

FARIAS, A. L. e KNECHTEL, M. R. 2018. **Uma perspectiva psicanalítica para a educação ambiental**. *Ambiente & Educação*, Rio Grande- RS, v. 23, n.2, p. 322-338, 2018.

FREUD, S. 2004. **À guisa de introdução ao narcisismo**. In S. Freud, Obras psicológicas de Sigmund Freud (vol. 1, p. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

FREUD, S. 2016. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)** em coautoria com Josef Breuer/ Sigmund Freud; tradução Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. 2010. **O mal-estar na civilização**: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Sigmund Freud; tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. (2007). **Pulsões e destinos da pulsão**. In S. Freud, Obras psicológicas de Sigmund Freud (Vol. 1, p. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

FREUD, S. 1966. **Um caso de Histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1903)**. Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1959-60/1997) **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MEZAN, R. **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NOGUEIRA, J. C. 2003. **Pulsões de morte e civilização**. In: MORAIS, Regis de. (Org.) *Sociedade: o espelho partido*. Campinas: Edicamp.

TURATO, E. R. 2003. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis/RJ: Vozes.